

EVASÃO ESCOLAR E GOVERNAMENTO: UM ESTUDO SOBRE A PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES NO ENSINO MÉDIO

SCHOOL DROPOUT AND GOVERNMENT: A STUDY ON THE PERMANENCE OF STUDENTS IN HIGH SCHOOL

DESERCIÓN ESCOLAR Y GOBIERNO: UN ESTUDIO SOBRE LA PERMANENCIA DE ESTUDIANTES EN LA ESCUELA SECUNDARIA

Ketlin Kroetz¹

Resumo

Este artigo é parte da minha tese de doutorado intitulada *Evasão Escolar e Governamentalidade: uma analítica das tecnologias de governo para a manutenção de todos na escola*. O foco da análise é o processo de permanência de estudantes do ensino médio de uma escola localizada na Encosta da Serra, por meio da seguinte pergunta: você poderia nos dizer seus principais motivos para continuar os estudos? Metodologicamente, trata-se de uma análise de discurso da opinião de 37 jovens estudantes do ensino médio. O motivo para tais indivíduos continuarem seus estudos, sem pensarem em parar, parece estar intimamente relacionado à ideia de uma conquista pessoal que só se tornará possível através da aprovação no vestibular e do ingresso em uma universidade. Conclui-se que suas motivações não são o conhecimento e a aprendizagem, mas as oportunidades que a formação no ensino médio proporciona: emprego, conquistas, universidade, realizações. A interação, os vínculos afetivos e a sensação de pertencimento social também parecem incentivar a permanência na escola.

Palavras-chave: ensino médio; vestibular; permanência; universidade; conquistas.

Abstract

This article is part of my doctoral thesis entitled *School Dropout and Governmentality: an analysis of governmentality technologies for keeping everyone in school*. The analysis focusing the permanence process of high school students at a school located in *Encosta da Serra*, through the following question: can you tell us your main reasons for continuing your studies? Methodologically, this is a discourse analysis of 37 young high school students' opinions. The reason for these individuals to continue their studies, without thinking about stopping, seems to be closely related to the idea of a personal achievement that will only become possible by passing the vestibular and entering a university. Therefore, their motivations are not knowledge and learning, but the opportunities that their high school education provides job, achievements, university, accomplishments. The interaction, the affective bonds, and the sense of social belonging also seem to encourage staying in school.

Keywords: high school; *vestibular*; permanence; university; achievements.

Resumen

Este artículo es parte de mi tesis doctoral titulada *Evasão escolar e governamentalidade: uma analítica das tecnologias de governo para a manutenção de todos na escola*. El foco del análisis es el proceso de permanencia de los estudiantes de secundaria en una escuela ubicada en *Encosta da Serra*, a través de la siguiente pregunta: ¿podría decirnos sus principales razones para continuar con sus estudios? Metodológicamente, se trata de un análisis discursivo de la opinión de 37 jóvenes estudiantes de secundaria. La razón para que tales individuos continúen sus estudios, sin pensar en detenerse, parece estar íntimamente relacionada con la idea de un logro personal que solo será posible con la aprobación del examen de ingreso a una universidad. Se concluye que sus motivaciones no son el conocimiento y el aprendizaje, sino las oportunidades que brinda la formación secundaria: empleo, logros, universidad, realización personal. La interacción, los vínculos afectivos y el sentimiento de pertenencia social también parecen incentivar la permanencia en la escuela.

Palabras-clave: escuela secundaria; examen de ingreso; permanencia; universidad; logros.

¹ Doutora em Educação em Ciência e Matemática. Docente do IFSUL – Sapucaia do Sul. E-mail: ketlin.kroetz@acad.pucrs.br

1 Introdução

Este artigo é parte da minha tese de doutorado intitulada *Evasão Escolar e Governamentalidade: uma analítica das tecnologias de governo para a manutenção de todos na escola*, cujo foco é analisar o processo de permanência de estudantes do ensino médio de uma escola localizada na Encosta da Serra, cidade que ainda tem vários traços da cultura alemã; a língua falada, o trabalho na agricultura, o ingresso nas fábricas de calçados, a baixa escolarização de mais da metade da população, a escola que surgiu na cidade há vinte e oito anos, a globalização que afeta a todas as culturas: todos esses aspectos certamente moldaram a subjetividade desses jovens para viverem e pensarem de determinada maneira.

Tais fatos explicam, de certo modo, o fato de nenhum dos jovens estudantes entrevistados ter parado de estudar. Se compararmos os dados locais à situação nacional, a conclusão sobre Encosta da Serra é otimista, visto que o abandono escolar é cada dia mais frequente em nosso país.

2 Metodologia

Se o discurso é definido e regulado por regras e práticas que constituem certo modo de dar sentido a determinados objetos ou materialidades, não se pode falar o que se quer em determinados locais e momentos. Ao analisar o funcionamento da esfera discursiva no interior de diferentes dispositivos, Larrosa (1994, p. 68) diz que Foucault aborda o discurso como um “[...] operador que constitui ou modifica tanto o sujeito quanto o objeto da enunciação”. Um exemplo disso é o exame: ao mesmo tempo um aparato ótico e enunciativo que constitui também a subjetividade do professor. Estamos sempre obedecendo a um conjunto de regras produzidas historicamente e que afirmam verdades sobre um tempo. É nesse sentido que o conceito de prática discursiva, para Foucault, não se confunde com a mera expressão de pensamentos e ideias, mas está vinculado diretamente a uma série de regras determinadas em um tempo e espaço específicos que, em certo período, decidiram sobre o modo como deveria ocorrer o exercício de determinado enunciado para a economia, a geografia, a biologia, a linguística, entre outras disciplinas (FOUCAULT, 2013). É necessário verificar como essas práticas, e não outras, emergiram, quais verdades constituem e que efeitos produzem.

Considero importante ressaltar que a análise que faço não me permite, tampouco é esse meu objetivo, elaborar quaisquer parâmetros universalizantes sobre as trajetórias desses jovens, visto que os critérios utilizados para os descrever são sempre históricos e culturais. Falo apenas

de certos rastros que permitem traçar algumas possibilidades de entendimento sobre suas escolhas.

A fim de traçar um perfil socioeconômico dos estudantes, elaborei um questionário ao fim do qual há as seguintes questões abertas: você já parou de estudar? Se sim, por que parou? Se não, já pensou em parar de estudar? Conforme as respostas dadas, os estudantes poderiam ser direcionados ao próximo questionamento: você poderia dizer seus principais motivos para continuar os estudos? Ao fim do questionário, havia um espaço em branco para comentários que os estudantes julgassem necessários.

Para a aplicação do questionário, a professora titular me deixou sozinha com a turma. Expliquei aos alunos minha pesquisa e o quanto era importante, para mim, ouvir o que tinham a dizer sobre suas motivações para frequentarem a escola, e se pensavam em parar de estudar. Salientei que os nomes de todos seriam mantidos em sigilo na pesquisa, e que poderiam responder apenas às perguntas que desejassem. Participaram trinta e sete estudantes, distribuídos em duas turmas da 3.^a série do ensino médio, dezessete homens e vinte mulheres com idades entre dezessete e dezenove anos. Tais estudantes conciliam trabalho e estudo em suas rotinas, de maneira que conseguem frequentar aulas apenas no período noturno. Esta, conforme Arroyo (1991), é a realidade de muitos jovens brasileiros. Dos trinta e sete estudantes, dezoito residem no centro da cidade e dezenove na zona rural, em bairros e localidades mais afastadas. Estudantes de outras localidades precisam se deslocar para o centro da cidade a fim de frequentarem a única escola de ensino médio do município onde realizei a pesquisa. Outros, após o trabalho nas fábricas de calçados, geralmente localizadas no centro da cidade, vão direto para a escola. Entre os participantes da pesquisa, dezoito sempre estudaram nessa escola, enquanto os demais cursaram o ensino fundamental em escolas municipais de outros bairros. Considero importante destacar que, dos trinta e sete estudantes entrevistados, vinte e um falam o *hunsruckish*, língua preservada na cidade desde a chegada dos primeiros imigrantes alemães. Embora muitos jovens não falem mais esse idioma, transmitido entre gerações, os residentes das zonas rurais, principalmente, mantêm a tradição de se comunicarem em alemão com pais, amigos e até na escola durante o intervalo.

Não pretendo mapear um conceito de juventude, e acredito que o binarismo e as posições nas quais os jovens são atualmente inseridos jamais conseguirão expressar a multiplicidade de formas de existência, opiniões, motivações e escolhas da juventude. Trata-se de um período da vida que não pode ser visto como estático. Justamente por isso explorei o contexto da cidade em questão como subsídio para uma melhor compreensão sobre quem são e onde estão inseridos os sujeitos desta pesquisa.

3 Análise de dados e discussão

Após perguntar-lhes o motivo para continuarem seus estudos, abordei a recorrência dos discursos sobre sua permanência na escola, e que podem ser lidos a partir de uma racionalidade governamental: “Não parei de estudar porque pretendo continuar estudando após o Ensino Médio. Esta será a maneira com a qual posso conseguir futuramente um bom emprego, maior conhecimento e estabilidade financeira”; “Estou na escola pois tenho objetivos, como terminar o Ensino Médio, fazer uma faculdade a distância por questão financeira, continuar a trabalhar e mais tarde trabalhar no que eu realmente quero, que é ciências contábeis”; “Para ter um bom emprego no futuro, ter mais conhecimentos, entrar em uma universidade, ter uma renda boa. Enfim, conquistar um futuro bom e estar seguro”; “Continuar os estudos no ensino EaD”; “Os fatores que me fazem continuar estudando são o fato de fazer um ensino superior na área de História e esse sonho me faz estudar e ficar na escola”; “Permaneço estudando para a minha formação, para poder conseguir ter oportunidade de emprego melhor e garantido, para ter um conhecimento maior”; “Minha atual motivação é prestar vestibular, conquistar uma bolsa de estudos em universidade federal”; “Porque quero ter uma boa formação educacional e social, pois um dos meus objetivos de curta distância é me formar no Ensino Médio para, futuramente, cursar uma boa faculdade e alcançar um bom emprego que me sustente e onde eu encontre minha realização pessoal”.

Realização. Necessidade de formação acadêmica. Bom emprego. Estabilidade financeira. Futuro bom. Oportunidade. Emprego garantido. Prestar Vestibular. Sustentar-se. Sucesso. Em um primeiro momento, tais palavras parecem ter sido extraídas de algum manual de administração ou economia, além de integrarem o discurso pedagógico contemporâneo e a formação dos anseios de jovens estudantes entrevistados em relação ao ensino médio.

O discurso produzido a respeito da escolarização, que ainda se prolifera, resulta em cada vez mais jovens *empresários de si mesmos* que se sentem obrigados a continuarem os estudos para *se manterem ativos no mercado neoliberal*. A questão do vestibular, por exemplo, predominou nos discursos dos sujeitos, pois a conclusão de uma faculdade, um *bom* emprego, uma *boa* renda e um *bom* futuro poderiam ser alcançados por meio do estudo. Silva (2008), em sua dissertação de mestrado intitulada *Universitários S/A: estudantes nas tramas de vestibular/ZH*, trata dos modos de constituição de sujeitos universitários na contemporaneidade, problematizando como suas condutas são regidas por uma multiplicidade de estratégias e táticas que potencializam uma governamentalidade neoliberal. Esses sujeitos, constituídos nas tramas do capitalismo contemporâneo, tomam os regimes empresariais como modos de conduta, e sua

constituição ocorre através de determinadas práticas mobilizadas por um conjunto de estratégias, a saber: a universidade como conquista; a realização profissional na ordem da vocação; a formação contínua, a empregabilidade, a responsabilidade social (SILVA, 2008).

O ingresso em uma universidade e o fato de prestar vestibular são concebidos, para os jovens, como vitória, conquista e disputa. Ainda que seja uma *faculdade a distância*, por questões financeiras, ou *uma bolsa de estudos* em uma universidade federal, os discursos dos próprios docentes da escola envolvida em minha pesquisa priorizam uma vida que deve ser pautada em estudar para sair da cidade onde estão. Em entrevista com o diretor da escola, por exemplo, o seguinte trecho pode ser analisado: *o que nós temos hoje é que preparar um jovem; com autonomia, que saiba se virar lá fora. Um cidadão preparado pra enfrentar as diversidades que a sociedade oferece. E é claro preparar ele pro mercado de trabalho, certo? E preparar ele também pra enfrentar... por exemplo, hoje nós pensarmos num aluno só que vai fazer um Ensino Médio não dá, nós temos que almejar que o aluno vá pra frente, que não fique só no Ensino Médio, que continue os estudos. Então nós temos que preparar ele infelizmente ou felizmente, não sei, isso é uma questão vaga ainda, [...] preparar eles pra uma universidade, um curso técnico. Porque só no Ensino Médio eles não vão ter uma preparação pro trabalho de forma completa. Se eu te digo que eles estão preparados para enfrentar o mercado de trabalho, eles não estão 100%. Eles têm uma pequena visão, só que eles têm que continuar pra saberem qual é o campo, qual é a área que eles mais gostariam de trabalhar. Nós somos mais o início disso tudo, nós somos uma pequena parte daquilo que ele vai ver depois.*

Ser parte daquilo que o estudante verá depois significa que esse depois será um lugar de continuação dos estudos, pois deve-se sempre pensar no aperfeiçoamento, jamais parar de estudar e estar aberto às mudanças que ocorrem de modo desenfreado em todas as esferas: “[...] os sistemas de educação secundária precisam concentrar-se em conferir aos jovens a capacidade de desenvolver personalidades produtivas, responsáveis, bem equipadas para a vida e para o trabalho na atual sociedade do conhecimento baseada em tecnologia” (UNESCO, 2008, p. 10). Essa formação permanente segue uma lógica em que “nunca se termina nada” (DELEUZE, 1992, p. 226). O indivíduo está sempre em dívida, e funciona “em órbita, num feixe contínuo” (DELEUZE, 1992, p. 227), ele não para; está constantemente se aperfeiçoando e não há ponto de chegada.

No que diz respeito ao Ensino EaD, citado por dois sujeitos, vale ressaltar que se tornou comum, na cidade em questão, cursar faculdade EaD, principalmente Pedagogia. Por uma questão de custo e tempo, tal modalidade de ensino é mais viável que a presencial. Principalmente no início dos anos 2000, surgiram máquinas de fazer professores. Programas

nacionais de grande visibilidade, como, por exemplo, o Pró-Licenciaturas (Programa de Formação Inicial para Professores em Exercício no Ensino Fundamental e Médio), em 2005, e a Universidade Aberta do Brasil (UAB), em 2006, possibilitaram os estudos para quem, anteriormente, jamais havia pensado em estudar. Preço baixo e horários adaptáveis chamavam a atenção, de maneira que, entre 2003 e 2014, ocorreu um aumento de 2588,5% de cursos superiores ofertados na modalidade EaD, enquanto os cursos presenciais aumentaram 66,9% (INEP, 2014).

Os estudos na EaD possibilitam certa diversificação de oferta de acordo com a demanda. No Brasil, o ensino a distância parece converter-se em um dispositivo de redução de gastos públicos em Educação. Além disto, há o risco de a falta de políticas em EaD bem definidas e reguladas resultar em baixa qualificação profissional. Portanto, na relação custo/benefício, sendo o benefício a qualidade formativa, permaneceríamos aquém se analisássemos a fundo a dimensão educativa, a capacidade de negociação pela qual perpassa o processo de ensino-aprendizagem, o diálogo, entre tantos outros aspectos.

No entanto, não há mais como retrocedermos quando a discussão envolve o EaD, porquanto as demandas contemporâneas conduziram os sujeitos a uma vida em que o volume de trabalho é muito maior que o tempo disponível para realizá-lo. A captura do sujeito é tão forte que, quando alguém sincroniza seu e-mail profissional em seu celular, torna-se um potencial *workaholic*.

Retornando à questão do vestibular e do desejo de ingressar em uma universidade, os sujeitos de pesquisa são posicionados em ambientes escolar e familiar que, geralmente, reforçam o discurso mercadológico sobre a exigência de uma capacitação cada vez maior. Portanto, ingressar em uma universidade é um discurso naturalizado não somente no contexto do qual falo, mas em toda a esfera do ensino médio. Nas escolas particulares isso é ainda mais visível. Por conta das preparações rigorosas dos professores, das metas da escola e dos cursos pré-vestibulares, o ingresso em uma universidade pública virou um campo de disputa.

Entre as falas dos alunos nas entrevistas, uma chamou minha atenção: “Os professores deveriam trabalhar no sentido de nos mostrar que se a gente se dedica desde cedo tem como conquistar uma faculdade de graça, não precisa pagar se tu te dedicar. A gente não precisa continuar do mesmo jeito que as pessoas que estão ao nosso redor”.

Parece haver um sentido bélico em conseguir entrar em uma faculdade em uma cidade onde a remuneração dos jovens é baixa e uma disciplina em uma universidade privada chega a custar meio salário-mínimo. Quando optam pelo pagamento, normalmente cursam uma ou duas disciplinas; se desejam concorrer a bolsas de estudo, precisam se dedicar muito. Não pagar,

nesse sentido, é visto como compensação para poder estudar e não continuar na mesma situação das pessoas na cidade (acredito que isto se refere à baixa escolaridade das pessoas no município). Contudo, vale lembrar que estudar é uma conquista somente para quem se esforça de verdade. Apenas através da universidade e do esforço as oportunidades e o bom emprego poderão ser garantidos. Outra questão é o alto custo do transporte. Em 2018, a gestão do município pagou o total das passagens de ônibus dos estudantes universitários da cidade, o que facilita o acesso à universidade, por representar um custo a menos no orçamento mensal do estudante.

Sobre o *bom emprego*, os sujeitos parecem não querer perder de vista, além dos estudos, a estabilidade financeira e a realização pessoal. Para Hardt e Negri (2005, p. 350), por exemplo, nos tempos de Império, “[...] quanto mais desregulado for o regime de exploração, mais trabalho haverá. Esta é a base sobre a qual as novas segmentações de trabalho são criadas”. Nessa direção, a política de gestão de carreiras afirma haver trabalho para todos os que se qualificam constantemente. Trata-se de uma ideia de mérito e de conquista somente garantida por meio da responsabilização do sujeito por essa conquista: se eu estudar e me esforçar, ganho os estudos de graça; caso contrário, tenho que pagar.

Bauman (1998) diz ser recente a questão da responsabilização pelo desempenho e o mérito, se a analisarmos em termos históricos. Se no período do Estado de Bem-Estar Social os empregos duravam, o futuro poderia ser planejado e a população tinha segurança, cabia ao Estado apenas garantir emprego à população, ou arcar com os custos sociais dos desempregados (BAUMAN, 1998). Contudo, as mudanças que reinscreveram o Estado em uma nova ordem alteram sua posição e delegam suas responsabilidades aos próprios sujeitos: “Não há mais seguro coletivo contra os riscos: a tarefa de lidar com os riscos coletivamente produzidos foi privatizada” (BAUMAN, 1998, p. 52). Privatizar a responsabilidade significa, portanto, potencializar a estratégia da conquista, na qual *poder entrar em uma universidade* é um sonho visto como conquista cuja responsabilidade é do indivíduo (SILVA, 2008).

O ingresso em uma universidade, na contemporaneidade, significa uma conquista que faz os sujeitos desafiarem a si: não estão na escola tanto pelo conhecimento ou pelo espaço de socialização quanto por desejarem terminar o ensino médio para ingressarem na universidade. Esta conquista, pautada em uma racionalidade governamental, emerge com um sentido permanente: *para a conquista não há limites; estou aqui pois tenho um objetivo; estou estudando principalmente para ter capacidade de prestar um vestibular; continuo na escola pela obrigação de concluir o ensino médio para entrar em uma universidade e ir atrás do meu sonho de ser advogado; só para continuar estudando. Se eu não precisasse cursar o ensino*

médio para ingressar no superior eu teria parado, pois creio que o ensino básico no Brasil é falho, perde-se muito tempo com coisas desnecessárias.

Três estudantes foram enfáticos ao afirmarem que, embora jamais pensassem em parar de estudar, concluirão o ensino médio apenas para cursar o ensino superior. Com efeito, a vontade de ingressar em uma universidade é tão potencializada que os alunos afirmam que abandonariam o ensino médio caso não fosse pré-requisito para a faculdade. Isto demonstra um desejo de antecipação e a universidade como lugar romantizado.

A ideia de ingressar em uma universidade, conseguir um bom emprego e, conseqüentemente, uma boa renda, significa investir em si, alcançar oportunidades e ter perspectivas conquistadas graças à formação acadêmica. Conquista e perspectiva, nesse sentido, parecem estar articuladas, visto que, para toda a conquista, existem muitas possibilidades (SILVA, 2008). A conquista tem um endereço bem definido em um campus universitário, pois somente através deste espaço o sujeito alcançará o tão desejado *sucesso*.

O endereço da conquista também fica próximo às demandas do mercado de trabalho: “há um regime de verdade que posiciona, valida e consolida as perspectivas de conquista” (SILVA, 2008, p. 100). Há, portanto, uma racionalidade que opera na estratégia de conquista individual que privilegia o sujeito na vontade de vencer a si mesmo, ter um bom emprego, vencer permanentemente. Os sujeitos entrevistados, ao conceberem o ensino superior como um investimento pessoal e uma conquista de oportunidades, têm suas condutas conduzidas em direção à autossuperação.

Isso não constitui novidade se analisarmos a massificação das universidades na contemporaneidade, que ocorre na transição para a vida adulta, produz a sensação de possibilidades múltiplas aos jovens, conduzindo-os a uma individualização das biografias (GALLAND, 1995; PAIS, 2001). *Slogans* como “Somos Infinitas possibilidades”, “Viva esse mundo”, “Para saber, tem que viver”, “Conhecimento para inovar o mundo”, entre outras estampas que introduzem o indivíduo em um mundo conectado por *hashtags*, produzem uma relação de pertencimento do sujeito a esse novo universo.

Em uma visão neoliberal, sob a ótica da teoria do capital humano, a relação entre o sujeito e a escolha do seu trabalho é movimentada por dois componentes: “compreendendo um dom natural genético e um conjunto adquirido de capacidades produzidas, como resultado do investimento privado na educação e em recursos culturais similares” (PETERS, 2002, p. 221). O modo de pensar os indivíduos na contemporaneidade tem no mercado o eixo regulador da vida social, exercendo sobre todos uma forma de governmentação que vai muito além da economia. Investir em si e conseguir um bom emprego significa almejar, também, segurança

na carreira: trabalhar com o que se gosta, realizar o sonho de fazer história ou ser advogado, por exemplo, e ter um *emprego garantido*.

Outro assunto que nos chamou a atenção partiu da observação de um estudante sobre um campo que deixei em aberto: “*Mesmo que muitos concluam o Ensino Médio, hoje em dia a quantidade de colegas que se interessam por atingir uma nota mais alta e se destacar entre os demais é muito baixa. Festejam por conseguirem a média e pensam somente na próxima festa do final de semana*”. É preciso ser o melhor, é preciso aprender a se esforçar e se destacar. Não basta desafiar a si, mas entrar em um processo de concorrência com os colegas. Atingir uma nota mais alta e se destacar significa *estudar de verdade*. Ninguém poderia estar lá para brincadeiras, tampouco para festejar notas medianas, por ser responsabilidade do próprio sujeito o esforço para alcançar seus objetivos. Trata-se de uma busca exacerbada por ser sempre o melhor, destacar-se entre os demais.

Se analisarmos como os estudantes foram subjetivados durante o ensino médio por meio dos discursos do representante da escola, dos jornais que circulam na cidade, percebemos que, embora os alunos pareçam livres para fazerem escolhas, a liberdade é condição do exercício do poder, pois tais escolhas ocorrem em uma direção desejada hegemonicamente, pautada em princípios sustentados por uma racionalidade governamental para a qual o mercado é o instrumento regulador da vida das juventudes. Lembramos que, em Foucault (1995, p. 244), o poder só se exerce sobre indivíduos livres, isto é “[...] sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidade onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer”.

Os sujeitos dispõem de exemplos de pessoas que “se deram bem” por se dedicarem aos estudos, de maneira que se tornaram um incentivo para outros continuarem estudando: “*tenho exemplos de pessoas que estudaram e se deram bem na vida, se tornaram pessoas exemplares*”; “*O que me faz continuar estudando é a vontade de cursar ensino superior em uma universidade, me formar*”; “*Meu sonho e de meus pais é de me formar em Física. Tenho dois irmãos e nenhum teve como cursar a faculdade e dar essa alegria aos meus pais, e eu sou o único que tenho a oportunidade agora. Vou aproveitá-la*”.

Se existem pessoas que “se deram bem”, a probabilidade de que eu me dê bem, portanto, aumenta. Deste modo, o estereótipo de um sujeito que estudou e “se deu bem” é o modelo a ser seguido. E o que seria uma pessoa exemplar? Uma pessoa boa, bem empregada, estudiosa, inteligente e bem-sucedida. Na fala do aluno reproduzida no parágrafo anterior, o fato de ter dois irmãos que não conseguiram estudar, por exemplo, subjetiva o estudante a aproveitar a oportunidade que terá para viver um sonho que talvez seja mais dos seus pais do que seu.

Sobre a oportunidade de estudar para alegrar aos pais, vale lembrar que falamos de um contexto em que 68% dos habitantes não concluíram o ensino fundamental.

É nítida a importância dada aos estudos por jovens que desejam uma remuneração que seus pais nunca receberam pelo trabalho árduo na agricultura ou na indústria de calçados.

Isso corrobora o que disse um representante da Emater em entrevista concedida a mim, quando falou sobre a quantidade de sujeitos abandonando os trabalhos no campo: “Eles não querem mais ficar aqui... os jovens. Nem os pais querem que eles fiquem”. Não ficar mais *ali* significa buscar, em outro lugar, um futuro visto como mais promissor, alcançado por meio de uma faculdade: “continuo estudando por obrigação dos pais”; “pelo incentivo dos meus familiares”; “[...] meus pais me incentivam muito.”

Do total de jovens entrevistados, apenas três mencionaram o incentivo dos pais como motivo para continuarem "os estudos. Analisei, na seção sobre cooperação familiar, como a família é culpabilizada quando os jovens preferem interromper os estudos. Para alguns jovens, o incentivo dos pais ao estudo é estimulante e bem-visto, enquanto, para outros, é a imposição da obrigação de atender a uma expectativa familiar. Neste caso, temos o estudante que considera não ter escolha além de estudar.

Rotinas de estudos preestabelecidas, que ensinam os estudantes a gerirem suas próprias condutas na direção desejada para fazer o ENEM e ganharem bolsa de estudos, são prescritas nesse jornal. Alongar-se, cuidar da dieta dias antes da prova e iniciar as leituras com antecedência, uma vez que os textos do ENEM são longos, tornam-se potentes mecanismos de controle sobre as condutas dos sujeitos. Os próprios estudantes têm recomendações a respeito de aspectos triviais de rotina que devem ser detalhadamente conduzidos semanas antes da prova. Ademais, a preparação não deve ocorrer somente alguns dias antes da prova, mas é contínua, exige simulados, bem como controle do tempo, aumento do período de estudo das matérias em que está com mais dificuldades.

Enquanto o regime disciplinar operava em um espaço fechado, na sociedade de controle há uma lógica muito mais sutil. Por meio de roteiros de preparação física, cognitiva e psicológica para a prova, pesquisas mostram quantos estudantes pretendem cursar o ENEM e colocam os que não pretendem cursá-lo, automaticamente, em uma posição de inferioridade. Para Bauman (1998), poucas pessoas estão dispostas a ocupar um lugar de sujeito *fora do lugar* ou *impedido de participar do jogo consumista*. O controle age no campo da modulação, uma “[...] moldagem autodeformante que muda continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudam de um ponto a outro” (DELEUZE, 1992, p. 221). As prescrições

das condutas desejadas desses estudantes operam em uma lógica da modulação e são muito mais sutis do que as do regime disciplinar.

Dal Moro (2017), em sua dissertação de mestrado, aborda o ENEM, seus efeitos sobre os modos de ser estudante, e analisa como são constituídos os estudantes bem-sucedidos nesse exame. Ao analisar o *Facebook*, a autora mostra como o universo desta rede social, a respeito do que é dito sobre aprendizagem, torna-se um núcleo de compartilhamento de experiências e constitui determinados modos de ser sujeito, neste caso, um sujeito dedicado, estudioso, disciplinado, que alcança seus objetivos a partir do seu esforço.

Quando questionados a respeito da profissão que desejavam seguir, cinco jovens escolheram profissões ligadas às ciências humanas, oito manifestaram interesse pela área da saúde, e três querem ser professores. Um dos estudantes desejava seguir profissão relacionada à arte, 14 queriam atuar em engenharia e ciências tecnológicas, e cinco ainda não escolheram qual profissão seguir. A escolha por determinado curso dependerá do quanto as possibilidades de carreira oferecidas pelo mercado de trabalho parecerem promissoras. Em geral, a preferência é pelas engenharias e ciências tecnológicas.

Existem, ainda, os sujeitos que, além de apontarem que continuam estudando para ingressar em uma universidade, consideram os laços sociais e a questão da socialização no ambiente escolar como motivos para a permanência: “as pessoas, funcionários, colegas, todos que convivem com nós se tornam amigos e acabam nos incentivando a permanecer, a caminhar juntos e chegar a um objetivo”; “Além do conhecimento, estou aqui para criar novos laços sociais”; “Meus amigos me fazem permanecer estudando quando não estou muito animada”; “Na escola, além de estar com meus amigos, ainda aprendo”.

Quando os estudantes criam laços e se identificam com os amigos, permanecer na escola se torna mais agradável. Trata-se de um sentimento de pertencimento social criado, calcado nas relações estabelecidas com o grupo com o qual os estudantes compartilham suas experiências.

O incentivo à permanência parte de uma verdadeira comunidade formada no ambiente escolar por professores, auxiliares de serviços gerais, merendeiras, entre outros. As relações humanas, nessa direção, mostram-se cruciais para o sentimento de pertencimento a um grupo. Para Mileto (2009, p. 198), por meio da constituição de identidades estabelecidas pelo pertencimento, “[...] reforçavam-se os processos de construção de estratégias de suporte mútuo, favorecendo o sucesso escolar dos alunos componentes destas redes sociais caracterizadas pelas relações de amizade, cooperação e solidariedade”.

Isso mostra um aumento dos compromissos da escola na contemporaneidade. Mais do que cuidar do ensino e da aprendizagem, a escola precisa focar nas relações e manter os

estudantes motivados a permanecerem estudando. Em muitos contextos, a escola é o único lugar onde os jovens podem conversar e se relacionar com outros sobre seus anseios, desejos e medos. Isso mostra, portanto, o quanto a escola, como espaço de socialização e criação de novos laços sociais, cresceu, de maneira que estudantes têm concebido tal instituição muito mais como um espaço destinado a socializar e encontrar amigos que para aprender conteúdos.

Entretanto, a escola parece resistente ao assumir essa função de socializadora de relações. François Dubet e Danilo Martuccelli, em *A socialização e a formação escolar*, apontam que a escola possui a função, na contemporaneidade, de socializar, levando sempre em consideração a particularidade da posição do sujeito. Desse modo, além de almejar a formação de sujeitos *autônomos*, forma indivíduos “[...] fundados na coletividade e na Razão moderna” (DUBET; MARTUCCELLI, 1997, p. 258), valores que comandam a educação.

Para Dubet e Martuccelli (1997), quanto mais socializado for o indivíduo, mais é senhor de si. Segundo os mesmos autores, a criança passa a ser conduzida pela escola dia após dia para um mundo mais complexo. *A obediência natural e o realismo moral* são substituídos por uma “[...] imagem mais distributiva das relações humanas, quando o sujeito se torna um indivíduo que domina a si mesmo, muito mais do que obedece aos mestres e ao controle do grupo de seus pares” (DUBET; MARTUCCELLI, 1997, p. 259).

Trata-se de romantização de uma educação que não é nem ingênua, nem única responsável por formar indivíduos e lhes possibilitar integração social: “essa concepção da escola não supõe apenas que a educação seja adaptada aos ‘costumes’; ela clama por uma harmonia entre a estrutura social e a formação escolar” (DUBET; MARTUCCELLI, 1997, p. 259, grifos dos autores). Com base nas análises realizadas até então, os estudantes são seduzidos por uma ideia de formação universitária como único modo possível de ascender pessoal e profissionalmente.

Gilles Lipovetsky (2005, p. 5) afirma que a sedução é vista como “[...] uma lógica que segue seu caminho, que não poupa mais nada e que, assim fazendo, cria uma socialização suave e tolerante, dedicada a personalizar-psicologizar o indivíduo”. Para o autor, a sedução e a pós-modernidade têm servido como um campo de disputa de intelectuais em busca de legitimação. Enquanto isso, nas ruas, em seus empregos e estudos, as pessoas se promovem, seduzem, conquistam seus sonhos e consomem.

A ideia de poder ingressar em uma faculdade, portanto, seduz esses sujeitos e responsabiliza-os cada vez mais por esse ideal, o que foi visto como o principal motivo para mantê-los na escola. Assim, eles são subjetivados e acabam modificando seus comportamentos em uma constante disputa e tentativa de se aproximarem do que é visto como normal.

Lipovetsky (2005) aponta ainda que a sedução não visa somente a interação. Para o autor: “longe de estar circunscrita às relações de interação entre as pessoas, a sedução se tornou um processo geral com tendência a reger o consumo, as organizações, a informação, a educação, os costumes” (LIPOVETSKY, 2005, p. 1). A sedução pode ser percebida nas práticas de governo no sentido amplo e antigo dos “[...] mecanismos e procedimentos destinados a conduzir os homens, a dirigir a conduta dos homens, a conduzir a conduta dos homens” (FOUCAULT, 2010, p. 43). Essas estratégias geram no estudante a sensação de pertencimento a um mundo universitário almejado.

A sedução pode ser percebida de modo sutil em práticas que estimulam os jovens, em seus próprios discursos e no ideal democrático que visa contemplar uma educação para todos. São discursos que seduzem e se tornam verdadeiros ao circularem naquele contexto. A sedução, para Lipovetsky (2005, p. 3), “dirige o nosso mundo e o remodela de acordo com um processo sistemático de personalização”, processo que consiste em diversificar e multiplicar as ofertas, oferecer sempre mais para que o sujeito possa escolher melhor, substituir a coação pela possibilidade de livre escolha, a austeridade pela satisfação imediata dos desejos. A sedução foi utilizada para convencer esses sujeitos da necessidade de continuarem os estudos.

“A ideia de parar de estudar nunca passou pela minha cabeça. Frequentar a escola simplesmente é rotina. Durante o Ensino Fundamental é obrigação dos pais. Depois, eu mesma fui percebendo que ir à escola só iria acrescentar na minha vida pessoal e profissional”.

“A escola é onde mais crescemos, onde mais adquirimos conhecimento. Tudo o que formos futuramente será pelo que aprendemos durante nossa vida, e acredito que a maior parte dela estamos na escola”.

“Eu considero que o estudo é uma das melhores coisas da vida, pois o nosso conhecimento é uma das únicas coisas que ninguém pode tirar de você, além de auxiliar para conseguir um bom emprego”.

Novamente, percebe-se a ênfase dada à questão de *conseguir um bom emprego*. Contudo, ao serem questionados a respeito dos conhecimentos adquiridos no ensino médio e sobre o preparo para conseguirem um emprego e exercerem uma atividade profissional, 20 estudantes afirmaram que, apesar de frequentarem uma boa escola, consideram-se despreparados, pois não aprenderam o suficiente para conseguirem um bom emprego. Outros ainda marcaram que não se consideravam preparados devido à baixa qualidade do ensino da escola.

Sobre a principal decisão dos estudantes após a conclusão do ensino médio: quatro responderam que prestarão vestibular e continuarão a trabalhar; seis farão um curso

profissionalizante e se prepararão para o mercado de trabalho; 18 pretendem prestar o vestibular e continuar os estudos no ensino superior; três desejam trabalhar por conta própria ou em negócios da família; cinco ainda não decidiram. Isso mostra como a questão do emprego, tal como vista no decorrer destes escritos, tem relevância na vida desses estudantes.

Ter um curso superior parece estar relacionado a manter-se empregado ou ter um bom emprego. Para Silva (2008, p. 116), as universidades “[...] tem sido parte ativa nas novas dinâmicas de demandas do mercado. As escolhas de quais cursos deverão funcionar ou mesmo as condições do universitário a ser formato passam por uma lógica empresarial”. Esse empresariamento, para Peters (2002), ocorreria não somente nas instituições de ensino, mas também no próprio sujeito, que se tornaria um empresário de si.

Esse empresário de si deve, também, estar atento às necessidades de um mundo globalizado e das exigências do mercado atual, que demanda um sujeito altamente versátil, capaz de inovar, de utilizar as mais diversas tecnologias e solucionar as mais distintas situações na sociedade. Nessa direção, percebi que alguns sujeitos se sentem responsáveis por auxiliar na resolução de algumas questões sociais:

“Os principais motivos são, de que eu sei que preciso dos estudos para ser uma pessoa melhor, onde lá no futuro sei que preciso disso para conseguir auxiliar a sociedade e ter sucesso na vida”

“Preciso completar o Ensino Médio para ter uma base e futuramente me profissionalizar em alguma área, onde poderei melhorar de vida, para que eu possa me desenvolver na sociedade é necessário entendê-la e entender tudo do que ela é formada, seus fundamentos e o que a move. Só assim posso ser útil de alguma forma”

“Acho também que a escola deveria ter mais espaço para o diálogo de problemas da sociedade, para que a gente pudesse ajudar a resolver. Miais palestrar sobre assuntos importantes de saúde pública e vida em sociedade”

“Penso que a escola poderia trabalhar mais a questão cidadã, dando mais espaço para posicionamento dos alunos quanto a temas em pauta, porque além de formar o aluno para uma futura carreira profissional, a formação social também deve ocorrer”

Auxiliar a sociedade, ser útil, dialogar sobre problemas da sociedade e posicionar-se sobre temas em pauta e formação social são alguns aspectos que fazem os alunos permanecerem estudando. A fala *só assim posso ser útil de alguma forma* posiciona o sujeito como caracterizado pela sua *utilidade*. Assim, ele só poderá ser útil se a ele forem delegadas certas competências de resolução de problemas sociais. Auxiliar a sociedade, ser uma pessoa melhor e ajudar a resolver problemas mostra a constituição de sujeitos preocupados com os problemas sociais da cidade, o que produz um deslocamento do coletivo para o individual (SILVA, 2008). As táticas e estratégias de governmentação no neoliberalismo ocorrem muito

mais relacionadas à individualidade dos sujeitos, imputando-lhes responsabilidade, autodesejo, autoafirmação, e até mesmo culpa, em caso de fracasso.

Pude visibilizar essa estratégia de responsabilização individual para o benefício do meio onde vivem ao acompanhar esses sujeitos. Em um trabalho de campo realizado com estudantes do Ensino Médio no ano de 2016, na disciplina *Projetos de Pesquisa*, cujo objetivo era introduzir a pesquisa científica para alunos da 1ª série do Ensino Médio, que deveriam elaborar projetos de pesquisa que possuíssem relação com a comunidade, acompanhei 37 alunos. Seguem os trechos de alguns projetos realizados pelos estudantes:

A escolha do tema justifica-se pela **relevância social** do mesmo e, percebendo-se a dificuldade da população em compreender o assunto e seus contrastes, foi definido que se tem interesse em adquirir conhecimento sobre o mesmo para então, futuramente, poder **compartilhá-lo** para uma porcentagem da população (Projeto 1)

A melhor forma de **conscientizá-las** é distribuindo folders informativos, que estão sendo distribuídos em nosso ambiente de estudo, **informando** nossos colegas e familiares que a única maneira de **combatermos** o vírus Zika é combatendo o mosquito *Aedes Aegypti*, o principal transmissor da doença, para que, **juntos**, ceifemos este vírus (Projeto 1)

Conscientizar a população **para que todos ajudem** a evitar a violência contra a mulher (Projeto 3)

Como **desenvolver uma cultura** voltada à **reutilização e reciclagem** por meio de jogos interativos em alunos do segundo ano do Ensino Médio do Colégio XXX? (Projeto 7)

Analisar as condições em que o Colégio XXX se encontra em questão de acessibilidade aos cadeirantes para então **podermos criar um projeto**, de acordo com as normas padrões, e tornando o colégio um **local acessível para as pessoas com alguma necessidade especial**, priorizando o acesso aos cadeirantes (Projeto 10)

Figura 21: campanha realizada pelos estudantes



Fonte: retirado do Projeto 1.

Por meio dessas práticas de responsabilização, produz-se um sujeito conscientizador que deve aprender a gerir os riscos e se preocupar com as questões sociais da sua comunidade: preocupado em informar, disseminar conhecimento para que *todos ajudem, reciclem, reutilizem*, entre outros aspectos. Criar um projeto de acessibilidade, falar do meio ambiente, da violência contra a mulher e de problemas de saúde pública são apenas alguns aspectos entre tantos outros que pude presenciar.

4 Considerações finais

Os estudantes são orientados a desenvolverem seus projetos de estudo fora dos muros da escola. Portanto, a pedagogia que os orienta se pauta em uma aprendizagem integrada a uma situação real que deve ser resolvida por meio da comunicação, da curiosidade, do interesse e das competências socioemocionais, muito mais preocupadas em formar indivíduos para o mercado de trabalho.

Em uma sociedade neoliberal, o próprio sujeito é responsável pela organização da vida social, convocado a contribuir com as questões sociais do seu tempo. Para esses indivíduos, o motivo para continuar os estudos, bem como o fato de nunca pensarem em parar de estudar, parece estar intimamente relacionado à ideia de uma conquista pessoal que só se tornará possível a partir do ingresso em uma universidade.

Em nenhum momento os motivos para continuar estudando se referiram ao conhecimento e à aprendizagem, mas às oportunidades que um ensino médio proporciona: emprego, conquistas, universidade, realizações. A criação de laços para esses estudantes também parece ser um motivo para permanecer estudando, mostrando que o pertencimento social, calcado nas relações estabelecidas com o grupo com o qual compartilham suas experiências na escola, torna-se um incentivo à permanência.

Referências

- ARROYO, M. **Revedo os vínculos entre trabalho e educação**: elementos materiais da formação humana. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- DAL MORO, M. B. **O exame nacional do Ensino Médio e a constituição do estudante nota 1000**: seja qual for a sua escolha, preste o ENEM. 2017. 123f. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- DELEUZE, G. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DUBET, F.; MARTUCCELLI, D. A socialização e a formação escolar. **Lua Nova**, São Paulo, n. 40/41, p. 241-266, jul./dez. 1997.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FOUCAULT, M. **O governo de si e dos outros**: curso no Collège de France (1982-1983). São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. O Sujeito e o poder. *In*: DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Universitária, 1995. p. 231-239.

GALLAND, O. **“Youth in France”**. Londres: Pinter, 1995.

HARDT, M.; NEGRI, A. **Império**. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LARROSA, J. Tecnologias do eu e educação. *In*: SILVA, T. T. **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 35-86.

LIPOVETSKY, G. **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Barueri: Manole, 2005.

MILETO, L. F. M. **“No mesmo barco, dando força, um ajuda o outro a não desistir”**: estratégias e trajetórias de permanência na Educação de Jovens e Adultos. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2009.

PAIS, J. M. **Ganchos, Tachos e Biscates**: Jovens, Trabalho e Futuro. Porto: Ambar, 2001.

PETERS, M. Governamentalidade neoliberal e Educação. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 211-224.

SILVA, R. R. D. **Universitários S/A**: estudantes universitários nas tramas de vestibular/ZH. 2008. 166f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008.

UNESCO. **Reforma da educação secundária**: rumo à convergência entre a aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades. Brasília: UNESCO, 2008.